

## Si(s)

---

*Marília Corrêa Machado*

Mestranda em Literatura

O reino de Deus está em nós. Não está sujeito nem  
ao tempo nem ao espaço.

(MENDES: 1994, p. 819)

Ó Deus, porque destes tantas almas a um só corpo?

(NERY, Ismael)

No Ocidente, as noções de tempo e espaço estão profundamente enraizadas no modo de viver de qualquer indivíduo. Estas compõem o arsenal de investigação, convivência e interferência no mundo, isto é, o ser e o estar no mundo. As convenções são tidas como aspectos irrevogáveis numa perspectiva cotidiana, embora a Física

Moderna já as tenha questionado, sendo o espaço um correlativo psicológico do tempo.

Na poesia de Murilo Mendes, esses parâmetros de realidade são noções a serem des-enclausuradas da sua natureza de pura abstração, para transformarem-se em matéria a ser esculpida poeticamente. Este binômio fundamental, tempo e espaço, passa a ser fruto de uma nova natureza, talvez desordenada, que estabelece um jogo de presençaausência com o leitor, permeando o não dito. Não há coincidência com o cenário físico. Como propaga Rimbaud, em *Alquimia do verbo*, um rumor que ecoa em Murilo: “Escrevia silêncios, noites, anota o inexprimível. Fixava vertigens” (RIMBAUD:1983, p. 91).

A sensação corporal de vertigem mediante a leitura da poesia muriliana, seja pela falta de um “chão” que sustente um indizível, ou através de uma “mesura” que a torne mais condizente ou familiar para com a suposta estrutura que abarca a realidade, é intrincadamente perceptível. Todavia, não há um *continuum* espaço-temporal, e sim uma total independência imagética do poeta, na busca pelo(s) outro(s) de si(s).

Desconhecido que atravessa a rua,  
 ?Que há de comum entre mim e ti.  
 A mesma solidão e a mesma roupa.  
 Procuras consolo, mas não podes parar.  
 És servo da máquina e do tempo.  
 Mal sabes teu nome, nem que o desejas neste mundo.  
 Procuras a comunidade de uma pessoa,  
 Mas não encontras na massa-leviatã.  
 Procuras alguém que seja obscuro e mínimo.  
 Que possa de novo te apresentar a ti mesmo.  
 (MENDES: 1994, p.407)

Adentrar o denso território da poesia muriliana é estar preparado para colocar em dissonância toda uma estrutura representativa, familiar e segura de realidade. É como a subjetividade do devaneio de todos; um (para)lugar onde a própria referência de território deixou de existir. E isto se estabelece através de uma estética de disjunção de si e das esferas do pensável e palpável.

Nesta aparente perda de sentido de si, na procura de outros eus, Murilo, possivelmente, já apontava para a crise identitária da modernidade subjacente. O indivíduo, simplesmente e fugazmente, perde sua noção referencial de realidade frente ao todo e sucumbe a uma posição descentralizada e desfocada, pois a segurança do eu torna-se fantasiosa. Como distingue Stuart Hall: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL: 2002, p.13).”

Murilo Mendes assume a fantasia. E é nesta narrativa do(s) eu(s) muriliano(s) que a coerência e a unificação estão em trânsito de re-significação constante. A desterritorialização de si, do outro e das coisas no tempo e no espaço. Perante esta possibilidade de disjunção, Murilo desbanca a prerrogativa platônica de mundo. O ideal greco-romano e, posteriormente, o cristão, nos quais a regência de que *ver* o mundo através dos sentidos e sensações vivificados pela percepção é algo impuro para a Razão, cai por terra. Pois são estas características relativas e impuras que amplificam a perspectiva muriliana de poesia, a qual vai adentrar o universo do caótico. E com a deflagração do caos, Murilo Mendes, num eterno-retorno ao sentido (?), focaliza o que estava em abismo:

Eu que venho morrendo desde a criação do mundo,  
Eu que trago fortíssimo comigo  
O pecado de nossos primeiros pais.

O espaço e o tempo  
Hão de se desfazer no vestido da Grande noiva branca.  
Serei finalmente decifrado, o estrangeiro da vida  
Descansará pela primeira vez no universo familiar.  
(MENDES: 1994, p.310)

O tempo resiste ao tempo e o homem c(a)o(s)ntinua estrangeiro e morredor<sup>1</sup>. Esta perspectiva encontra similitude com a Física Moderna que, com a Teoria da Relatividade, declarou um caos implícito, num sentido de inexistência de um tempo linear e espaço enquanto conexão implícita do ser. O homem, neste sentido, passa a ser um usufruto deste não existir além, de conexões de partículas subatômicas. Neste patamar, a Ciência refuta, em sua origem, a tentativa de preencher as lacunas do caos. E seu potencial está, justamente, na possibilidade de embate da ca(o)sualidade e da não organização.

Neste mesmo vértice habita a poesia muriliana, onde a linguagem caótica é potencializada. E não há, conseqüentemente, uma precisão para se medir a sucessão de pensamentos caóticos. Murilo repõe este paradigma na poesia, na busca de uma voz em constante pulsação e suspensão para libertar-se da camisa de força do estigma racionalizante, para ver o mundo em forma de caleidoscópio poético.

Nada tenho a ver comigo,  
Nem me conheço:  
Um estrangeiro pensa em mim fora do tempo.  
A idéia da máquina do tempo do meu corpo dentro  
[do tempo.  
(MENDES: 1994, pp.434-5)

Nesta costura que condensa o poema de Murilo Mendes, pode-se pensar que o outro é, metaforicamente, a cortina invisível que refuga o que sou, ou os vários eus implícitos a mim, pois se tratando destas figurações de imagem, o todo se esvai e escorre em diversas bifurcações do outro.

Nesta busca subjetiva de uma possível visão da realidade a partir da poesia, Murilo brinca com o espectador (digo espectador, pois se adentra a uma cena-palavra cheia de imagens e universos distintos, porém inseparáveis) na expectativa de um caos ordenadamente mental. Numa fissura dentro do “real”, o poeta re-emoldura e re-significa um mundo onde convida a um sonambulismo de olhos abertos. Assim, os desejos são realizados e a angústia se dispersa em toda sua intensidade poética, como se observa em “Abstração”.

O relojoeiro cercado de relógios.  
Pergunta que horas são.  
O tempo passeia a música restaura-se.  
O tempo desafia a pátina dos espíritos  
Transfere o heroísmo dos heróis obsoletos,  
Divulga o que nos não fomos em tempo algum.  
(RIMBAUD: 1983, p.433)

O fluxo de sua poesia está em constante mutação quimérica. Pode-se supor que é necessário transportar-se para uma superfície onde não há centro, unidade de lugar, de tempo e de ação. Bachelard, ao descrever sobre os *sonhos labirínticos* comenta que o poeta “faz de seu poema uma armadilha para sonhadores. Por mim deixe-me prender. Segui a moldura” (BACHELARD:1998).

O tempo e o espaço são dobraduras que se dobram sobre si mesmas, numa moldura mutante. Numa dobradura de origami re-configurada constantemente, onde os vincos são aparentes.

É fácil renunciar aos postulados de uma visão mecanicista do mundo físico na poesia de Murilo Mendes. Ela não abriga para libertar, é uma poesia refratária, aparato de um movimento transcendente. Murilo não apreende o espectador pela linearidade de pensamento, mas sim pelo inverso, justamente ao adentrar o limite do conhecido. Leyla Perrone comenta que “a história geral sempre nos foi contada durante séculos como uma seqüência de acontecimentos comandada pela genealogia de grandes homens. A história literária esboçou-se e fixou-se segundo o mesmo esquema, oriundo de genealogias bíblicas” (PERRONE-MOISÉS: 1998, p.27).

Estas escalas de tempo e espaço contraditórias criam uma suposta des-ambientação histórica, que não tem sentido linear, mas sim um sentido de encantamento que subsiste a uma constante transformação.

É a unicidade que persiste na poesia de Murilo Mendes, como a figura de deus e a figura da mulher que estão presentes em diversos momentos e com diferentes contextos. Assim como a casa e a Igreja que não deixam de referir a

uma possível interligação entre si. A figura da mulher como algo tão ou equivalente ao divino e a casa e a igreja, que são artifícios que podem fazer menção à questão uterina. Portanto, a mulher seria uma progenitora mítica para a poesia. Um objeto de devoção, ou ainda, um corpo lugar de oratória ou um artifício do drama muriliano. Este universo feminino muriliano conta com a profusão de um corpo destinado a cumprir a posição de dogma e amor poético. Esta devoção não é fruto, pode-se crer, de uma egologia, mas sim algo próximo do Absoluto e de uma experiência sobrenatural. Assim, pode-se crer, a partir de Murilo, que Deus não está em arquiteturas esplendorosas, mas em todas as coisas que não se detém numa perspectiva linear, onde o universal e o particular penetram em um só corpo: o poético.

No pensar o motivo de o corpo estar constantemente presentificado na poesia de Murilo, penetra-se no universo equacional da possibilidade que converge no signo corpo. O corpo é comum à maioria dos seres vivos, mas a consciência deste restringe-se somente a seres racionais. O corpo também é objeto que infringe mistério, devido a sua aparição: dentro de outro corpo. Algo que significa poder, um crescimento, uma máquina quase elevada à perfeição devido a suas engrenagens, não fosse a Verdade inerente a todos: a morte. “O corpo é também um oráculo” (MENDES: 1994, p.827). Uma resposta à interrogativa da existência de um deus unívoco. Como Einstein acrescenta e, de certa forma, explica o porquê de uma des-espaçotemporalidade na poesia:

A interpretação histórica considera adversários irreconciliáveis ciência e religião, por uma razão fácil de ser percebida. Aquele que a lei causal rege todo

acontecimento não pode absolutamente encarar a idéia de um ser a intervir no processo cósmico, que lhe permita refletir seriamente sobre a hipótese da causalidade. Não pode encontrar um lugar para o Deus-angústia [...]. (EINSTEIN: 1981, pp.21-2)

A morte ou a noção do fim é maior e mais forte que qualquer noção racional dentro da vida do ser. Ela é também atemporal, é *aistórica*, e mina a percepção da vida cotidiana. A personificação de uma nova topologia e cronologia não está ligada aos modos clássicos, mas sim a tramar uma *verdade* intrínseca ao racional, ou mesmo, a abstração, e perante esta constatação, a busca de uma totalidade poética.

Deleuze aponta o indício de uma bifurcação com a questão cerebral no corpo, ao mencionar que

a individualização, no estado de coisa cerebral, é tanto mais funcional quando não tem por variáveis as próprias células, já que as células, já que estas não deixam de morrer sem renovar-se, fazendo do cérebro um conjunto de pequenos mortos que colocam em nós a morte incessante. Ela apela para um potencial que atualiza sem dúvida nas ligações determináveis que decorrem das percepções [...]. (DELEUZE: 1992, p.277)

A morte é relativa se não estiver mantida num contexto de plenitude maior, no caso, a fé num poder absoluto e superior: a potência poética. Nas palavras do poeta: “O absoluto é o primeiro motor de todas as relatividades” (MENDES:1994, p.817).

Assim, estes “deuses” murilianos tomam corpo, numa resignificação que se tematiza, possivelmente, para o lugar do não-pleno, mas instaurado. E não pedem justificativas, pois a reflexão sobre tudo que tendência ao divino não é englobável e encerrada em uma só argumentação.



## Notas

<sup>1</sup> A expressão “morredores” é recorrente em alguns poemas de Mário Quintana.

## Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 277.

EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p.21-2.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: D & A, 2002. p. 13.

MENDES, *Murilo*. Poesia completa & Prosa. *Organização, preparação do texto e notas Luciana Stegagno Picchio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A. 1994. p. 310,407, 434, 817,819,827

PERRONE-MOÍSES, *Leyla*. Altas Literaturas: escolha e valor na obra de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 27.

RIMBAUD, *Arthur*. Uma estadia no inferno. 2.ed. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983. p. 91, 433.

